

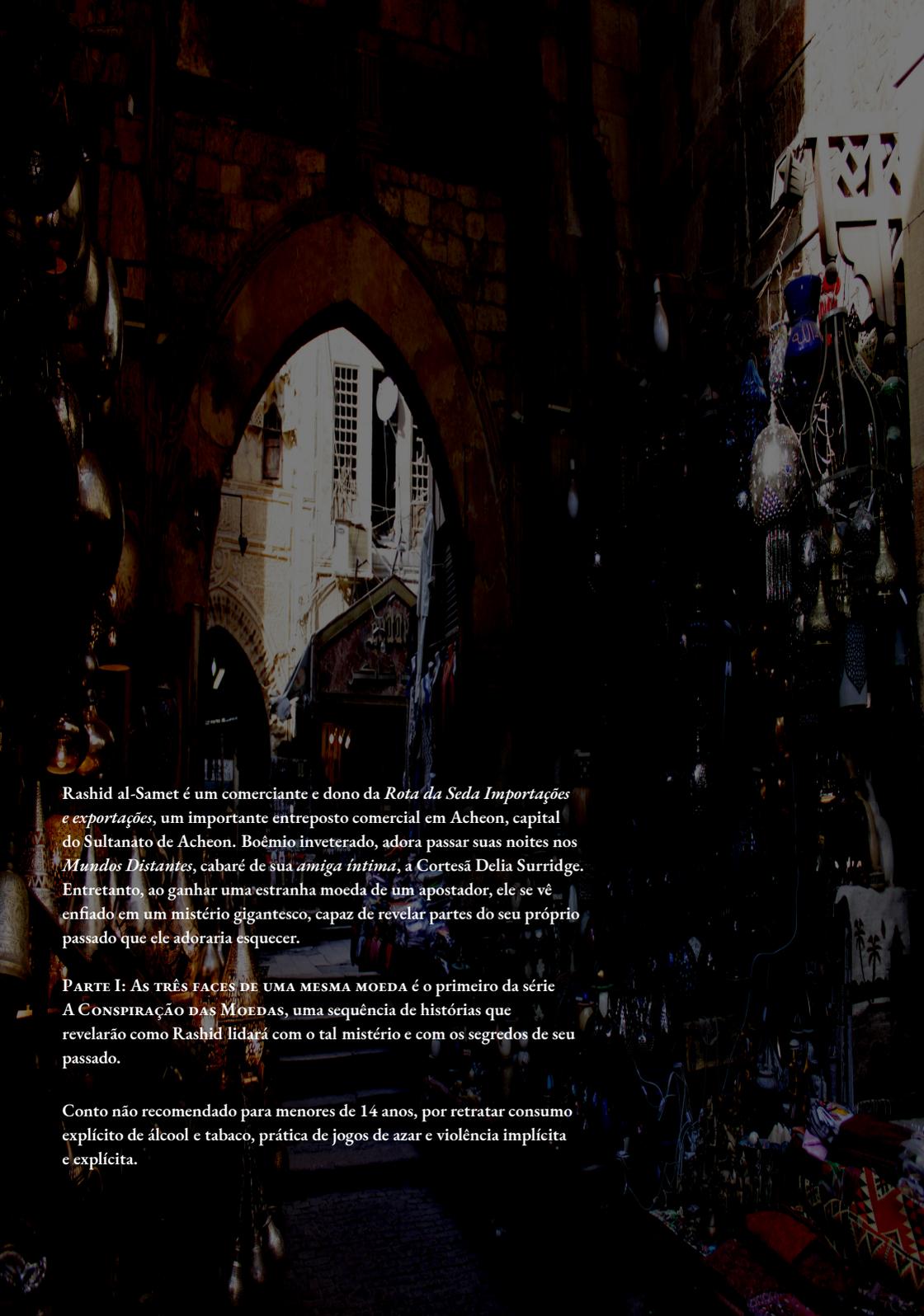


A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS

PARTE I: AS TRÊS FACES DE UMA MESMA MOEDA

LU CAVALHEIRO

2022



Rashid al-Samet é um comerciante e dono da *Rota da Seda Importações e exportações*, um importante entreposto comercial em Acheon, capital do Sultanato de Acheon. Boêmio inveterado, adora passar suas noites nos *Mundos Distantes*, cabaré de sua *amiga íntima*, a Cortesã Delia Surridge. Entretanto, ao ganhar uma estranha moeda de um apostador, ele se vê enfiado em um mistério gigantesco, capaz de revelar partes do seu próprio passado que ele adoraria esquecer.

PARTE I: AS TRÊS FACES DE UMA MESMA MOEDA é o primeiro da série *A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS*, uma sequência de histórias que revelarão como Rashid lidará com o tal mistério e com os segredos de seu passado.

Conto não recomendado para menores de 14 anos, por retratar consumo explícito de álcool e tabaco, prática de jogos de azar e violência implícita e explícita.

A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS

PARTE I: AS TRÊS FACES DE UMA MESMA MOEDA

**Uma história curta de investigação em um mundo de
fantasia árabe**

Lu Cavaleiro

2022

Texto licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual
CC-BY-SA 4.0 Internacional

DADOS DA PUBLICAÇÃO

Série: A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS

Título: PARTE I: AS TRÊS FACES DE UMA MESMA MOEDA

Ano de publicação: 2022

Autoria, revisão e diagramação: Lu Cavalheiro

Artes:

- **Capa:** Domínio público (<https://pxhere.com/no/photo/1084679>)
- **Quarta capa:** Domínio público (<https://pxhere.com/en/photo/1201293>)

Licença: *Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual CC-BY-SA 4.0 Internacional* (https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR)

Ano de publicação: 2022

Este conto é uma obra de ficção baseada em uma versão fantasiosa da cultura do mundo árabe anterior ao Islamismo. Em momento nenhum esta obra pretende ser desrespeitosa com nenhum elemento cultural ou histórico de uma civilização fascinantemente rica quanto esta. Quaisquer coincidências com a realidade serão meras coincidências. Sociologicamente sombrias e preocupantes, mas meras coincidências.

Conto não recomendado para menores de 14 anos, por retratar consumo explícito de álcool e tabaco, prática de jogos de azar e violência implícita e explícita.

AS TRÊS FACES DE UMA MESMA MOEDA

Acheon¹ tornava-se dourada com o derramar-se do olho do *Bem Amado* na primeira hora e suas cúpulas cintilavam o ouro da promessa de um novo dia, a bênção concedida aos justos e a maldição dos que viviam das artes turvas do subterfúgio e enganação. Aqueles a quem o *Sumo Bem* concedera a fortuna da boa índole levantavam-se e logo dobravam seus joelhos, olhos voltados para a direção para a qual o minarete do Grande Templo apontava ser a posição da *Estrela Santa*, tida como a residência do *Bem Amado* no Império. Aos de má índole, o toque aveludado de um novo diaurgia pelo conforto de um descanso tenso, uma máscara mal talhada para esconder todos os pecados feitos sob a sombra argêntea da *Dama Sorridente*. E todos reconheciam as graças e glórias de Seu toque e por elas agradeciam, cobrindo-se com o linho da virtude ou os trapos da ignomínia.

Havia, porém, uns tantos que não sorveram o mel celestial do despertar e não sentiram o fel amargo da vergonha agitar-se em seus estômagos. Alguns deles, ao seu próprio modo, comemoravam a vida e seus feitos em um lugar conhecido como *Mundos Distantes*, a *casa de prazeres* encontrada em frente à sede de uma importadora menor chamada *Rota da Seda Importações e Exportações*, afiliada ao poderoso Consórcio Chartash, e esquecida pelos poderes acima e abaixo do homem. Nessa primeira hora do dia, porém, eles se agrupavam silenciosos e absor-tos, quase vinte faces empenhadas a desvendar o enigma mais ingênuo e por isso mesmo mais impossível, ao redor de uma mesa à qual se sentavam dois homens

¹Pronuncia-se *Á-que-on*.

cuja determinação e imperturbabilidade pertenciam ao escopo das lendas. Sobre a mesa descansavam, tépidas e luxuriantes, muitas fichas redondas de várias cores, bem como incontáveis moedas reluzentes, uns tantos objetos cujos valores poderiam ser apenas descritos como inimagináveis, e quatro cartas de jogo viradas para cima. Apostas sussurradas flutuavam entre a plateia emudecida, olhos penetrantes empenhados para antever o mínimo movimento que selaria o futuro dos jogadores ali sentados.

Um dos homens sentados à mesa sentia-se desconfortável em sua própria pele, reflexo das duas cartas medíocres mantidas juntas por sua mão direita pequena e suada. Seus trajes de cortes simples bem poderiam ser um tributo à vida modesta de um camponês, exceto que nem o mais laborioso servo da terra poderia arcar com os custos da puríssima seda tingida de púrpura e carmesim, bordada com fios de ouro e prata e botões de madrepérola. Seu rosto claro não transparecia o nervosismo convulsionante, seus olhos não alcançavam outras coisas além da pilha de fichas, moedas e objetos sobre a mesa e sua mão esquerda ajeitava discretamente o cabelo louro curto e penteado para o lado. Sua respiração, compassada apesar da tensão, fugia-lhe abafada pela ligeira curvatura do pescoço para frente, e seus lábios finos e vermelhos pareciam relaxados, e até curvavam-se em um sorriso marrotamente irônico. Ele apostara todas as suas fichas naquela rodada, confiante em suas próprias habilidades como jogador e enganador, mas nem mesmo o demônio mais trapaceiro poderia ter previsto a atitude do homem sentado a sua frente, pensativo há mais de cinco minutos e aparentemente disposto a esperar todas as estrelas morrerem antes de tomar uma decisão. A calma de seu adversário era-lhe enervante, mas sua face em momento algum lhe traiu a firmeza e a ganância.

Amargava-lhe a boca com o mais insuportável dos gostos a identidade de seu oponente, a figura aparentemente tão calma quanto o Profeta sentada no outro lado da mesa e mais entretida com a dançarina seminua sentada em seu colo e uma moeda girando ágil entre seus dedos do que com as cartas zombeteiras sobre a mesa. Rashid al-Samet, mais conhecido como o mercador proprietário do *Rota da Seda* e um dos clientes mais frequentes do *Mundos Distantes*, sorria amavelmente para a

garota e deliciava-se muito mais em lhe sussurrar ao ouvido e colher dela os risinhos de prazer do que se incomodar em olhar suas cartas, a mesa, o pote de apostas, seu oponente. A pele dela, alva como o orvalho do campo amornado pelo sol e lustrosa como as vestes do oponente do *Mercador* – como al-Samet por vezes era chamado –, era um contraste ideal ao tom amorenado, trigueiro e fosco do rosto recém-escanhado de al-Samet, e ambos sorriam como apenas anos de intimidade ou quilos de ouro poderiam permitir a duas pessoas. E al-Samet não jogava.

A tensão crescia com o silêncio ao redor de al-Samet e sua aparente indecisão. Um dos espectadores, um homem com feições aquilinas e olhos amendoados que até há pouco estava sentado à mesa como um dos jogadores mas perdera tudo para um blefe do *Mercador*, mexia-se inquieto, ponderando por que um dos melhores jogadores de todo o Sultanato demorava tanto para se decidir por uma jogada aparentemente simples. As cartas viradas sobre a mesa, pensou esse espectador, não indicavam por elas mesmas um bom jogo: um rei de ouros, um dez de paus e um seis de copas. Se al-Samet estivesse com uma combinação em suas mãos, quem sabe uma trinca ou dois pares, ele deveria forçar a aposta – mas reputava-se ao mercador falta de clareza no raciocínio quando mulheres estavam de algum modo envolvidas, pois do contrário ele não teria uma sócia Qarim². Por outro lado, se al-Samet forçasse a aposta agora talvez revelasse sua mão prematuramente, e o *Mercador* era conhecido por levar outros jogadores a apostar até mesmo o que eles não tinham. Como se combinassem, os cochichos dos espectadores passaram de murmúrios de expectativa para rangidos de impaciência. Suas faces tornaram-se menos curiosas e mais intransigentes, suas apostas se silenciavam com a ameaça de al-Samet jamais realizar o próximo movimento. O *Mercador* parecia ignorar completamente a situação, sua atenção e seus sorrisos voltados apenas para a dançarina em seu colo, enquanto a determinação de seu adversário parecia erodir como um palácio construído sobre a areia do deserto. O espectador de feições aquilinas moradia os lábios nervoso, havia apostado uma quantia que ele não tinha em al-Samet

²Os Qarim são um povo vassalo ao Sultão de Acheon. São conhecidos por serem guerreiros letais, mas pouco disciplinados, e por responderem até mesmo ao menor dos insultos com violência desproporcional.

para mitigar seus prejuízos, e se a multidão debandasse ele não teria o retorno esperado. A paciência de todos, menos de al-Samet, evanesceu em ansiedade.

“Eu subo a aposta”, al-Samet disse subitamente, suas palavras lançadas à plateia e ao outro jogador tão calmamente como se ele estivesse comentando sobre o clima. “Mais cem *falcões*³, e em nome da *Dama Argêntea* veremos o que a próxima rodada nos trará”. Os espectadores voltaram imediatamente suas atenções ao oponente do *Mercador*, um movimento tão sincronizado que quase produziu som. O espectador de feições aquilinas exultava silenciosamente, pois era notoriamente óbvio que o oponente de al-Samet não teria como cobrir a aposta. A aparência de calma finalmente se esvaiu do rosto daquele homem, e seu nervosismo há muito contido transpareceu em uma sudorese intensa. As cartas em sua mão ficaram empapadas e moles enquanto ele confabulava com seus botões, aparentemente convencendo-se contra a própria vontade. O silêncio se reestabeleceu entre os espectadores, que temiam até mesmo respirar como se isso pudesse de algum modo influir na decisão difícil que aquele homem deveria tomar.

O homem, pressionado e contrariado pela própria decisão, enfiou lentamente sua mão esquerda em um bolso e sacou dele uma moeda de ouro tão grande quanto a palma de sua mão e grossa quanto seu polegar. Havia um louva-deus gravado em um dos lados da moeda e uma faisão no outro lado, e havia inscrições estranhas ao redor das duas gravações. Ele a empurrou até o alcance de seu oponente e murmurou quase inaudivelmente, “Isso é o que tenho para cobrir a aposta. É de ouro maciço, mas não sei se será aceita aqui”. O mercador olhou curiosamente para a moeda e a pegou. As atenções se voltaram para ele, como se quisessem adivinhar em qual momento exato ele daria um parecer sobre a proposta do outro jogador, até que al-Samet sorriu e casualmente atirou a moeda junto com as demais no pote de apostas. “Vire a próxima rodada, forasteiro”, e apontou para a pilha de cartas com as faces viradas para baixo. O homem obedeceu, revelando um nove de espadas.

³Moeda de ouro com aproximadamente uma polegada e meia de diâmetro. É a moeda de maior valor em circulação no Sultanato de Acheon.

As pessoas ao redor dos jogadores se mostraram surpresas com o alívio revelado pelo homem que apostara a estranha moeda de ouro. Sem esperar confirmação de seu oponente, ele revelou as cartas parcialmente destruídas pelo seu suor: um sete e um oito de espadas. Al-Samet o saudou com a cabeça. Com as cartas na mesa formavam uma sequência, e era uma mão bem conveniente para quem apostara até mesmo uma riqueza tão exótica. O homem recolhia o pote de apostas quando o *Mercador* fez um som qualquer com seus lábios enquanto gesticulava negativamente com um dedo em riste. Silêncio tumular foi a reação dos espectadores enquanto al-Samet despreocupadamente revelava suas cartas, uma dama de ouros e um valete de copas. A dançarina em seu colo foi a primeira a se recuperar do estupor, e seus gritinhos de comemoração e felicidade apontavam para o verdadeiro vencedor daquela mesa. Desconcertado, o homem vestido com seda púrpura e vermelha levantou-se, ofereceu a mão para al-Samet, que o cumprimentou, e retirou-se atônito do *Mundos Distantes*.

Rashid guardou para si a moeda estranha e pousou sua mão ágil sobre a coxa da dançarina. “Você precisa de um vestido novo, querida”, disse para ela, apontando para as apostas. Ela o beijou, e começou a guardar cêlere as moedas e demais objetos em uma bolsa que tirara aparentemente do nada.

* * *

De seu zênite, o *Bem Amado* observava todos os homens de bem em sua pausa da faina diária. Uns aproveitavam para saborear os mais refinados quitutes, aqueles que os sustentariam pelo resto do dia até o ocaso da luz decretar o fim dos afazeres. Outros descansavam, olhos cerrados a contemplar os mais vastos reinos oníricos. Alguns ainda dedicavam-se a algum folguedo ou fêria próprio, suas formas particulares de distrair-se das dores ou obrigações. E todos tinham seu lugar na *Praça do Mercado*, a grande ágora e a Mais Bela Joia do fino conjunto que o *Sultanato de Acheon* era.

Rashid era um dos que se entregavam à própria distração, caminhando meio sem direção definida pelas alamedas e travessas apinhadas por vendedores e

suas mercadorias. Cumprira suas tarefas do dia mais cedo do que previra, fechando acordos de compra e venda com a facilidade já considerada suspeita por alguns de seus concorrentes, e por isso decidiu-se por ser guiado por suas pernas antes de almoçar em algum lugar. Passaram-se alguns dias depois dele ter ganho a estranha moeda de ouro do forasteiro, mas ela repousava em seu bolso direito sem que ele houvesse pensado mais no assunto. A algazarra dos vendedores era menor ao meio-dia, mas ainda presente, e ele escutou homens anunciando seus produtos, seus bens, seus vinhos, suas mulheres. Um homem particularmente gordo de sorriso largo exibindo dentes de ouro e anunciando experiências para além da imaginação do mais criativo dos homens capturou sua atenção por alguns momentos, mas Rashid julgou mais prudente continuar a andar quando ao lado do homem gordo encostou Ayuna Pathmos, uma forasteira famosa por ter feito fortuna como escravista, seus cabelos negros apenas parcialmente cobrindo a extensa cicatriz de queimadura em sua face, e eles se trataram como sócios.

Alguns daqueles vendedores eram seus clientes, e Rashid parou em frente à tenda de um deles. Tariq Shaleesa era um homem baixo de quem a idade havia roubado os dentes e o cabelo, mas não conseguira tocar na astúcia serpentina e faro para bons negócios. Ele vendia joias baratas, reproduções fidelíssimas das criações das maiores ourivesarias do Sultanato e acusadas muito justamente de falsificações, e Rashid parou para admirar um trabalho particularmente bem-feito, um par de brincos de metal dourado com uma peça de vidro engastada neles como pingente e que criava um arco-íris dependendo da forma como a luz se refletisse neles. Tariq sorria satisfeito com os poucos dentes que lhe restavam, pois Rashid não era homem conhecido por se deter em uma tenda e não comprar nada. Ele fez menção de iniciar sua conversa de vendedor, mas a mão espalmada do *Mercador* estendida firmemente em sinal de *pare* foi o suficiente para Tariq manter a língua e os lábios cerrados.

A beleza da joia falsa capturara os sentidos de Rashid, e por isso ele não percebeu quando uma mulher se aproximou por trás e sussurrou em seu ouvido, “Você é o maluco mais safado que eu conheço, do contrário eu o mataria aqui

mesmo por estragar uma de minhas meninas”. Rashid sorriu em reconhecimento e virou-se um tanto afetado sobre os próprios pés, ficando de frente para a mulher e com os brincos na mão em posição de quem presenteia. Sua voz massageou as palavras entre os lábios sorridentes, “Delia Surridge, a visão mais encantadora e amável de todo o *Sultanato*”, e ao encarar os olhos acusadores da dama à sua frente decidiu-se por postura e voz mais defensivos. “A que devo a honra, minha dama?” Delia, uma Nortista e uma das principais Cortesãs⁴ do Sultanato, não aparentava ter seus aproximadamente quarenta anos, o cabelo magicamente tingido de vermelho, o vestido vermelho com corpete preto, a pele alva e a maquiagem esmerada dando-lhe o ar da juventude das dançarinas do *Mundo Distante*, seu pequeno negócio e império curiosamente localizado em frente à sede do *Rota da Seda Importações e Exportações*. Seus olhos irradiavam uma vontade de matar que Rashid conhecia bem: tão densa quanto o ar e tão duradoura quanto a chama de um fósforo. Alimentado por essa confiança, ele beijou seus lábios enquanto a segurava com uma das mãos e trocava os brincos dela com a outra, colocando aqueles que estivera admirando há pouco no lugar. Delia não resistiu ao carinho tão íntimo que o *Mercador*, um parceiro comercial e *amigo* – a relação entre eles é daquele tipo complicado para o qual ainda não inventaram uma palavra conveniente – lhe concedera, mas estampou-lhe sonoros cinco dedos na face tão logo ele terminou de trocar os brincos. Rashid rodopiou em seu próprio eixo enquanto Delia verificava os brincos em um espelho na tenda de Tariq. Esfregando a face ardida e vermelha, Rashid fugazmente imaginou se foi assim que o velho perdera seus dentes.

Delia admirara silenciosamente os brincos que o *Mercador* pôs em sua orelha, e após estapeá-lo se permitiu sorrir, “Eles são fantásticos, Rashid”. “São seus, querida, pois como negar o universo inteiro se a mais bela das musas do *Sultanato* assim me pedisse?”, ele respondeu. Delia sentiu-se ao mesmo tempo lisonjeada pelo elogio e enfadada pelo estilo hiperbólico daqueles homens de pele dourada nascidos em Acheon, mas não se permitiu esquecer a reclamação que a motivara a dirigir-se a Rashid. Como se quisesse, pôs uma máscara de desagrado e agres-

⁴Com letra maiúscula, a palavra é usada em Acheon como sinônimo de *cafetina*.

sividade na face, elevou a voz até um quase grito, e com um dos dedos em riste ameaçava perfurar o peito de Rashid, que recuava passo a passo. “Não pense que você vai me comprar com bijuterias, por mais belas que sejam. Você me causou um problema, e você vai resolvê-lo, não importa como!” Rashid agradecia ao *Bem Amado* por não estar lidando com Djamila abu Fasa al-Suleiman, a sobrinha, duellista e campeã de Sua Majestade o Sultão Hakim ibn Rahimat al-Suleiman e famosa por resolver situações similares com uma espada desembainhada no lugar do dedo, mas em momento algum deixou o sorriso sair dos lábios, os olhos transmitirem fraqueza, a calma lhe abandonar. Simulando nervosismo, pousou sua mão sobre o dedo de Delia e o abaixou. “Por você eu resolveria até mesmo o problema do *Demônio de Sutek*, minha doce dama, mas podemos discutir o assunto bebendo algo? Há um ótimo café aqui perto, e poderemos conversar sobre todas as questões que você deseja atirar em meu colo”. Delia assentiu, e Rashid ofereceu-lhe o braço. Tariq lançou um olhar para o casal, e discretamente Rashid jogou para ele os brincos de pérola e ouro reais que tirara das orelhas da Cortesã.

* * *

Em Acheon existem muitos cafés, variando da materialização da opulência dos antigos reis até a simplicidade de caixotes por bancos e mesa e um bule de cerâmica trincada. Rashid conduziu Delia até o *Café Cezve*, de propriedade de um amigo do *Mercador* chamado Altug Burakgazi. Altug era um homem alto pelos padrões do *Sultanato*, seus mais de seis pés combinando perfeitamente com sua voz trovejante, e foi ele de braços abertos e abraços fortes quem veio recepcionar Rashid na entrada. O *Mercador*, atordoado e sem ar por causa da força do abraço, apresentou sua companhia e perguntou se o seu reservado de sempre estaria disponível. Ante ao assentimento de Altug, Rashid conduziu Delia até um reservado discreto no segundo andar do café. O reservado era pequeno, um cômodo semicircular com quase cinco jardas de raio e forrado com finos tapetes escarlates e almofadas douradas. As paredes eram brancas, mas a iluminação foi calculada para que parecessem ocre. A mesinha no centro era feita de madeira de lei, e havia um cinzeiro

próximo à janela oculta por cortinas de renda. Uma jovem chamada Kami, aparentando não mais do que quinze anos e cabelos negros trançados que lhe atingiam os joelhos e uma das namoradas conhecidas de Altug, foi-lhes designada como garçone. Assim que Kami se retirou, Rashid fez um gesto circular com o dedo e sorriu, “Sem pessoas com orelhas nas fechaduras. Um lugar seguro para conversar e descansar, se você conseguir a amizade do Altug”.

Delia não parecia menos tensa agora do que quando tentou perfurar o coração de Rashid com o dedo, mas assentiu e se levantou para o beijar. Rashid interpôs delicadamente suas mãos, levando Delia a se sentar confusa. Ele olhou para o rosto alvo de olhos verdes, a beleza destes sendo o melhor escudo possível a uma mulher, e balançou negativamente a cabeça. “Você me acusou de lhe criar um problema. Vamos resolver isso antes de qualquer coisa, minha dama”. Ela suspirou e principiou a falar, mas calou-se ao perceber a aproximação de Kami. A jovem subia acompanhada por um rapaz tão alto quanto Altug, mas mais magro e evidentemente mais jovem, que carregava um narguilé. Kami pôs um bule com chá de hortelã sobre a mesinha de centro, enquanto o jovem pousou o narguilé próximo à janela. Delia avaliou a menina por alguns instantes, certa que ela daria uma excelente *dama de companhia* se fosse possível recrutá-la, e Rashid, talvez adivinhando os pensamentos de sua acompanhante, sorria para si enquanto apreciava o aroma da bebida.

Quando Kami e o outro jovem fecharam a porta atrás de si, Delia valeu-se de um gole cuidadoso do chá quente antes de começar a falar. “Quem em sã consciência ganha quase sete mil *falcões* em uma mesa de jogo e os dá para uma dançarina qualquer para que ela compre vestidos? Agora a garota se sente a rainha do bordel, e já tem as mais insanas ilusões subindo à cabeça!” Rashid já havia acendido o narguilé, e chupava despreocupadamente a fumaça pela piteira enquanto murmurava sobre as qualidades do fumo. Delia arremessou um dos travesseiros nele, exasperada, “Fale comigo, homem!” Rashid tentou soprar alguns anéis de fumaça antes de responder zombeteiramente, “Ela precisava de um vestido novo mesmo”. Delia atirou exasperada a xícara de chá contra uma parede, “SETE MIL!

Ela compra a licença de ter sua própria *casa de prazeres* com isso!” Rashid meneou com a cabeça, “Talvez, se você se referir ao preço de se comprar e decorar uma casa para tal atividade. Não se esqueça das taxas devidas à *Administração do Mercado*, e então você verá que ela não poderá ter o próprio negócio ainda”. Delia odiava isso em Rashid, sua habilidade de manter-se frio e irônico mesmo nas situações mais impróprias. Ela se aproximou do mercador e o levantou pela gola da camisa, uma posição bastante vantajosa caso quisesse atirá-lo pela janela. Rashid também pensou nisso, pois olhou para trás. “Seu imbecil! Asal, aquela louca, pode fazer o que quiser do dinheiro, e ela não morre de amores por mim”. Rashid manteve-se em silêncio por alguns instantes, aguardando Delia se acalmar antes de delicadamente tirar as mãos dela de sua camisa. “Não se amarrota uma gola de linho desse jeito, meu bem”, ele disse em tom de pilhéria. Ele se sentou calmamente, Delia ainda fervendo em fúria e em pé à sua frente, e sorriu, “Ademais, o dinheiro irá revelar quem ela realmente é. Se ela empenhar essa pequena fortuna para se aprimorar em seu ofício, você terá uma funcionária melhor qualificada a atender a clientela do *Mundos Distantes*, o que significa, entre outras coisas, prestar um serviço de maior qualidade a este que vos fala. Se ela gastar levianamente o dinheiro, você saberá que contratou uma preguiçosa irresponsável sem ambição alguma. Se ela fugir será até melhor para você, que não será obrigada a demiti-la. Agora que eu lhe expliquei o favor prestado, e supondo ser essa sua única queixa contra mim, eu gostaria daquele beijo”. O rosto de Rashid era a máscara perfeita de ironia e sarcasmo, seu sorriso de uma ingenuidade provocante e humilhante.

Delia não conseguia se decidir se arremessava Rashid pela janela ou fazia do narguilé um supositório para o mercador, e em sua humilhação se sentia impotente e incapaz. Sentiu as pernas fracas, vacilantes, e ajoelhou-se chorando em frente a Rashid, que a abraçou para consolá-la. A Cortesã soluçava e se embolava com as palavras, de modo que o mercador dificilmente a compreendia, “Seu idiota, sempre pregando essas peças em mim... Não sei onde minha cabeça estava quando eu decidi gostar de você”. Após refletir por alguns segundos para entender o que Delia dissera entre as lágrimas, Rashid a beijou na testa e pôs sua mão sobre o coração dela. Ele fixou seus olhos nos dela e sorriu, “Quando não mais conhecemos

nosso próprio coração é que somos capazes de atravessar a mais alta montanha ou o mais fundo oceano. Deleita-te contigo mesma, pois és humana apesar dos tempos em que vivemos. Quanto a mim...”, ele suspirou, “sou apenas um idiota, eu sei. Mas sou o idiota que está aqui te amparando e te consolando quando as lágrimas tomam a face da *Dama Argêntea* de assalto e forçam-se a rolar pelo reflexo da perfeição”.

Ela se sentia leve, apesar da raiva e da confusão. Estendendo o braço vacilante, Delia tentou tocar o rosto de Rashid, que ainda sorria. Quando seus marmoreos dedos aveludados sentiram a pele morena do mercador e suas lágrimas se convertiam para sorrisos, uma comoção vinda da janela atraiu a atenção de Rashid. Imediatamente, o *Mercador* se levantou, apagando completamente a presença de Delia de sua mente, e observou pela janela. Havia um círculo de mais ou menos seis pessoas ao redor de um homem caído no chão. Suas roupas pareciam modestas, mas nem o mais laborioso servo da terra poderia comprar tão pura seda tingida de púrpura e carmesim. Delia, alheia ao burburinho vindo da janela, deixou o rosto cair no chão, amparando as lágrimas com as mãos. Rashid a sacudiu delicada porém firmemente pelos ombros, e disse com voz imperativa porém suave, “Delia, por acaso o homem caído ali embaixo seria o forasteiro de alguns dias atrás, o que apostou aquela moeda estranha?”

* * *

A vigília do *Bem Amado* sobre Acheon terminava com o esplendor de seu manto violeta e anil, o anúncio benquisto do fim de mais um dia abençoado. Aqueles que empregaram o melhor de seus ofícios na infundável, inolvidável, batalha pela vida agradeciam silenciosamente por mais um bom dia, enquanto os que tinham algo a esconder saíam de seus covis de vilania e opróbrio para tramar mais um atentado contra os justos. A brisa fresca sinalizava o início do domínio das doze horas da noite e perfumava o ar com mistério, possibilidades, segredos. E todos, atarefados, se preparavam para o papel a eles exigidos pelo distanciamento do *Olho Escrutinizante* do *Sumo Bem*. Assim era em Acheon, a Coroa do *Sultanato*, assim era na *Praça do Mercado*, o Pináculo da Coroa.

Uns poucos dedicavam-se a causas mais arcanas, menos apropriadas ao burburinho das ruas do que ao conforto de um gabinete rescendendo a vinho, tabaco e madeira de lei. Os estabelecimentos do *Mercado* tinham muitos gabinetes assim, e em um deles, no segundo andar da sede comercial do *Rota da Seda*, reclinava-se Rashid al-Samet em sua poltrona com os pés sobre a mesa. Seu escritório era surpreendentemente simples, um cômodo de seis jardas de largura por oito de profundidade cujo pé-direito media uns vinte pés e as paredes eram amarelas com quadrados brancos preenchidos por arabescos negros. Na parede oposta à porta havia quatro janelas quase tão altas quanto o cômodo e que se abriam para uma pequena sacada, na qual era possível deleitar-se em uma das poltronas de vime e observar a entrada do *Mundos Distantes*. Os móveis eram poucos, apenas uma grande mesa de escritório com duas cadeiras para os convidados, um reposteiro e duas estantes para livros, todos em madeira de lei, e havia também uma poltrona para Rashid sentar-se à mesa. Em um canto próximo à janela repousava seu narguilé favorito, um dos poucos trabalhos artesanais realmente artísticos produzidos em Qarim. O cômodo estava completamente escuro exceto por uma vela preguiçosa sobre a mesa, hábito que ele adquiriu com sua sócia, a Qarim conhecida como Baatik.

Em uma das mãos, o *Mercador* girava preguiçosamente a moeda de ouro vencida em uma mesa de cartas há alguns dias, o rosto cansado tentando denotar concentração. O antigo dono a apostara após muito deliberar consigo mesmo, e naquela mesma tarde o homem fora encontrado morto na *Praça do Mercado*. Rashid repassava mentalmente os eventos daquela tarde. O homem foi encontrado morto durante uma conversa entre Delia Surridge, a Cortesã proprietária do *Mundos Distantes*, e o *Mercador* em um dos reservados realmente reservados do *Café Cezve*. Ele acompanhou Delia, que estava em estado de choque, até o empreendimento dela, onde instruiu algumas das meninas da cafetina nas quais confiava para cuidarem dela até seu restabelecimento. Ele não ficou junto a Delia, mas subiu para a varanda do escritório e sentou-se em uma das poltronas de vime, e dali só saiu quando uma das dançarinas sinalizou para ele que a Cortesã estava bem. Então ele saiu do *Rota da Seda* e foi fazer algumas perguntas aos seus amigos do

Mercado. Descobriu que o homem entrara no *Sultanato* usando o nome e identificação de Paulus Silvinus, obviamente falsas porque Rashid conhecia o verdadeiro Paulus Silvinus – um caçador de recompensas de terras para além do *Sultanato* e do *Grande Deserto* e que não se parecia em nada com o pobre coitado encontrado morto há poucas horas.

O que mais intrigava o *Mercador* era a moeda em si. Feita de ouro maciço, do diâmetro da palma de sua mão e tão larga quanto esse dedo, a moeda não era em hipótese alguma dinheiro corrente em lugar algum – tal quantidade de ouro simplesmente inviabilizaria a cunhagem em larga escala. – Tampouco parecia uma moeda comemorativa. Em um dos lados havia gravado o louva-deus, símbolo da Casa al-Basham, e do outro lado estava o faisão dos al-Fashid. Ao redor das duas gravações, estavam entalhados muitos símbolos que Rashid não conhecia, mas certamente eram alguma forma de alfabeto. Durante as *Guerras de Sucessão*, acontecidas há não muito tempo e que resultou na ascensão da Casa al-Suleiman ao *Sultanato*, as duas casas foram aliadas, mas os al-Fashid mudaram suas alianças e seu apoio para o Sultão Hakim ibn Rahimat al-Suleiman, e desde então tentam esquecer que eram aliados dos al-Basham no início do conflito. Da mesma forma, os al-Basham não iriam comemorar algo que para eles certamente seria uma traição vil. Seus amigos entre os *Ouvidos do Sultão*, a polícia secreta de Sua Majestade mas oficialmente apenas a segurança da *Praça do Mercado*, jamais viram uma moeda parecida com aquela, mas não descartaram a possibilidade dela ser algum tipo de comunicação secreta usada por agentes das duas casas afiliados a algum nobre em específico. Rashid não conseguia imaginar o que diabos aquela moeda significava, mas não conseguia se desvencilhar desse mistério. A chama bruxuleante da vela refletia-se desdenhosa e provocativa no disco dourado, quase como se o desafiasse tal qual uma proverbial esfinge.

Rashid estava prestes a dar de ombros e jogar a moeda em alguma gaveta quando sua sócia entrou no escritório sem se anunciar. Baatik era uma mulher impressionante para qualquer pessoa que admirasse corpos femininos, e suas cicatrizes acentuavam a aura de perigo que o contraste entre seus olhos completamente

negros e a pele e cabelos completamente brancos criava – um contraste comum entre os Qarim, mas que em Baatik era tido como excepcionalmente belo mesmo por eles. – O *Mercador* jogou casualmente a moeda em um canto próximo à vela e levantou-se para cumprimentá-la com um beijo, retribuído com o tapa na cara mais sonoro que Baatik conseguiu desferir – isso era um hábito cordial dos dois e esperado por ambos, parte do relacionamento complicado entre eles que não era apenas sociedade mas não se sabia exatamente o que era. – Ela era uma supremacista Qarim e defensora da independência de seu povo, mas não deixava de admirar a eficiência de Rashid quando ele conseguia manter-se longe das hipérboles típicas do dialeto de Acheon, e em seu íntimo se preocupava demais com a saúde do mercador, já que ele próprio não dava a mínima se seu fígado ou pulmões poderiam explodir amanhã.

Baatik olhou para o tampo da mesa com estranhamento antes voltar sua atenção para o rosto estapeado de Rashid. “Você não está bebendo”, ela disse o mais casual que conseguiu, “e isso é estranho. O que aconteceu?” Rashid, que não gostava do jeito brusco de falar da sócia, caminhou até a mesa, pegou a moeda e a mostrou para Baatik. “Isto”, ele disse. “Ganhei de um homem há uns dias, e hoje à tarde ele foi morto. Considerando as gravações na moeda, eu estou curioso para saber se o assassinato se relaciona ou não à ela”. A Qarim pegou a moeda e ao mero toque franziu o cenho, atitude à qual Rashid se acostumara a interpretar como um “afaste-se dela antes que ela agrida alguém só para relaxar”. Ela, porém, aliviou a face e jogou a moeda de volta para Rashid com um gesto de polegar que a fez descrever um semicírculo dourado-vermelhado no ar por causa da fraca e vacilante iluminação provida pela vela. O *Mercador* pegou a moeda com uma mão e a colocou em um de seus bolsos antes de se aproximar de Baatik. Seu olhar era curioso, ainda que sua voz não demonstrasse isso. “O que houve, seda de minhas mãos?” Baatik, não muito afeita a tratamentos afetados, fez um gesto de mão como se espantasse algum inseto voador e mastigou a resposta, “Os bastardos escreveram nessa moeda com a língua do meu povo”. Rashid apenas acenou com a cabeça para incentivá-la a falar mais, mas Baatik permaneceu em silêncio. Ela gostava de ouvi-lo lhe pedindo coisas.

O *Mercador* olhou para o teto e suspirou, e convencido contra a própria vontade sorriu e modulou a voz o mais polido que pôde, “Poderia o diamante mais belo e bruto dos mundos nos quais a escuridão é a lei e a visão além dos olhos, constante, deleitar os prazeres do sábio com teu címbalo de música mais pura e penetrante do que o calor do *Olho do Bem Amado* que ilumina os céus de Acheon durante as horas do dia?” Ele sabia o quanto esse jeito empolado de falar a irritava, e preparou-se para o soco que ela de fato desferiu em seu abdômen. Os olhos negros da Qarim se iluminaram com sadismo e crueldade. Ela aguardou Rashid recuperar o fôlego antes de continuar, saboreando cada efêmera gota de sofrimento do mercador. Quando este se recompôs, ela disse sem preâmbulos, mas sem disfarçar o prazer sádico em sua voz, “No lado com o faisão está escrito ‘Califa Abdallah al-Fashid’, enquanto no lado com o louva-deus está escrito ‘Emir Hassain al-Basham’. Há uma gravação na lateral da moeda, também na língua do meu povo, mas não vou lhe dar tudo de mão beijada, sócio”. Baatik beijou suavemente a testa de Rashid, que estranhou profundamente o gesto, e caminhou provocativamente em direção à porta do escritório. Ela se deteve no umbral e falou com uma voz quase maternal e sem olhar para trás, “Vá descansar, Shid. Amanhã é um dia melhor para descobrir o que se passa”. Rashid murmurou alguma coisa entre um *boa noite* e *senti sua falta*, mas Baatik ou não ouviu, ou o ignorou, e saiu.

* * *

Uma das virtudes mais admiráveis de uma pessoa é o discernimento para diferenciar quando uma ordem deve ser obedecida e quando ela deve ser transgredida. Infelizmente, esse era um dos vários casos nos quais era muito comum enganar-se entre virtude e imprudência, e a diferença só pode ser percebida tarde demais, mas em poucos casos apenas tal sorte de erro não se mostrava letal.

Pois Rashid resolveu desobedecer Baatik. Após a saída de sua sócia do escritório, ele permaneceu ensimesmado sobre a estranha moeda por pelo menos uma hora. Os nomes gravados na moeda eram perturbadoras lembranças da impossibilidade de fugir do passado. Rashid al-Samet conhecia muito bem os dois

nobres: o Califa Abdallah al-Fashid de Bessain era seu pai, enquanto o Emir Has-sain al-Basham de Acheon era o pai de Nasira al-Basham, a jovem mulher que a ele teria sido dada em um casamento arranjado se ele não tivesse fugido de casa na ca-lada da noite. Esse era um dos segredos de Rashid, ou melhor, Bei Rashid al-Samet ibn Abdallah al-Tarik ibn Rashid al-Fashid, Comandante dos *Ouvidos do Sultão*, e seu título e sangue nobres eram as razões pelas quais ele sempre conseguia bons negócios em lugares onde outros mercadores eram menos afortunados – ser um mercador era como ele mantinha seu disfarce de ser membro dos *Ouvidos* –. Ele afastou a pompa da nobreza de seus pensamentos, isso não era importante naquele momento. Um homem morto trouxera uma moeda daquelas com os nomes de seu pai e seu quase sogro, além de um terceiro nome que Baatik se recusara a dizer qual.

Sendo assim, era no mínimo essencial que ele tentasse descobrir o que pu-desse sobre a moeda. Seu pai o deserdou e o jurou de morte por ter fugido do casamento arranjado com uma al-Basham, e era natural que o velho Califa tentasse mandar assassinos cumprir sua palavra. Sempre há muitos forasteiros em uma ci-dade como Acheon, e não seria difícil para um deles, misturado como estaria na multidão, desferir um golpe letal sem ser visto ou identificado. Analistas dos *Ou-vidos do Sultão* não sabiam muito sobre a moeda, mas não descartaram que ela pudesse ser um meio de identificação ou contato de homens a serviço de algum nobre – plausível, já que os al-Basham se refugiaram em Bessain após terem caído em desgraça em Acheon. Era hora de descobrir mais informações, mas para isso se-ria preciso recorrer ao manto abençoado da noite para encontrar-se com as pessoas certas.

Uma vez tomada a decisão, Rashid fez o sinal de fumaça característico, um pequeno efeito mágico aprendido pelos oficiais dos *Ouvidos*, usando a chaminé da lareira de seu escritório, convocando uma reunião para o local onde ele estava. A mensagem fora enviada, três outros sinais de fumaça similares responderam, e agora restava preparar a sala reservada. Ele olhou para a lua cheia – a *Dama Argên-tea* dos poetas e da religião dualista predominante no *Sultanato* – e fez uma oração silenciosa, pedindo à *Senhora dos Segredos*, como ela também é chamada às vezes,

desvelasse naquela noite os mistérios que vinham do passado para o assombrar.

* * *

Os *Ouvidos do Sultão* são um misto de polícia secreta, serviço de inteligência e corpo de segurança especial da *Praça do Mercado*. Normalmente, para se tornar um *Ouvindo* é preciso a indicação de um membro da organização, embora existam exceções à regra – a lealdade de Rashid, ainda adolescente na época das *Guerras de Sucessão*, ao Sultão Hakim ibn Rahimat al-Suleiman apesar do Califá Abdallah ter se mantido aliado aos al-Basham, é um exemplo disso. – Entre as obrigações de um *Ouvindo* está a de zelar pelo bem-estar de todos os membros da organização, e é dito que ameaçar a um deles significa ameaçar a todos, o que não costuma ser bom negócio para ninguém. Rashid, devido a anos de serviço leal e dedicado, era o Comandante dos *Ouvidos* em Acheon, o membro de maior patente da organização na cidade, e zelar pelos membros da organização era uma obrigação ainda maior para ele. Ainda mais que, considerando os eventos recentes, a vida em risco era a dele próprio.

O local da reunião dos oficiais superiores dos *Ouvidos do Sultão*, porém, não ficava no Palácio do Sultão, ou na *Casa Silenciosa*, o nome dado à sede e quartel-general da organização. Era, convenientemente, em um auditório acusticamente isolado escondido por uma porta secreta no subsolo do *Rota da Seda*, o que era conveniente dado que Rashid apresentava-se como um mero mercador – não por acaso seu codinome na organização era *Mercador* –. Era uma sala sem janelas com paredes revestidas com madeira de canela, e o aroma da especiaria era marcadamente penetrante. Havia um tapete escarlate tão grosso quanto um braço pendurado na saída da porta secreta que ligava o aposento ao resto do prédio. O chão era forrado por um tapete preto felpudo, macio e confortável, com várias almofadas grandes e coloridas espalhadas casualmente pelo chão e narguilés posicionados em locais estratégicos. Alguns respiradouros encantados, estrategicamente espalhados pelo auditório, cuidavam de manter o ar respirável, substituindo a fumaça e os odores da respiração humana por ar fresco e umedecido. Um pequeno reposteiro de

madeira de lei guardava algumas bebidas fortes e copos de dose, sinal claro de que muitas decisões difíceis haviam sido tomadas naquela sala.

Rashid terminara de abastecer os narguilés quando o primeiro dos três oficiais que atenderam ao chamado anunciou sua chegada. Ainda que cada *Ouvido* tivesse seu codinome próprio, em Acheon eles se conheciam pessoalmente e muitas vezes dispensavam o uso da alcunha. Essa foi uma política introduzida por Rashid, pois seria muito mais difícil haver infiltrações na estrutura se os agentes se conhecessem de fato. Muitos atuavam como mercadores ou comerciantes para criar uma máscara na sociedade, e assim ninguém poderia dizer quem pertencia ou não à, talvez, mais poderosa agência de inteligência de todos o Mundo Conhecido.

Rashid em pessoa foi atender o recém-chegado, e sorriu feliz ao ver o rosto velho e carcomido pelos anos de Tariq Shaleesa, o vendedor de bijuterias baratas e joias falsificadas na *Praça do Mercado*. Tariq o abraçou cordialmente e verbalizou préstimos de estima e consideração que levariam uns cinco ou dez minutos para serem transcritos. A réplica de Rashid foi mais longa e mais elaborada, fruto da convivência mais próxima com a corte em sua juventude. Durante as saudações de Rashid chegou o segundo oficial, Mansur ibn Jafar al-Teheran, um dos chefes da máfia de transportes de carga no *Sultanato*. Mansur era imponente em seus quarenta anos de idade, apesar dos seus apenas cinco pés e meio de altura. Sua face transmitia autoridade, seu corpo ainda não perdera o viço de uma vida passada na disputa com outros contrabandistas pelo cargo que ocupava e a mão nervosa não perdia o alcance de um saque rápido da faca em sua cintura. Mansur acenou casualmente, um gesto firme que significava também serem desnecessários os floreios. Eles conversaram casualmente no salão de entrada do *Rota da Seda* até a chegada da terceira oficial aguardada, Minu Istari, uma mercadora detentora do monopólio do transporte de alimentos derivados da pesca entre o *Sultanato* e os países vizinhos, uma mulher morena de cabelos longos e cacheados que por alguma razão aderira ao hábito de manter a cabeça coberta por um lenço negro com flores brancas bordadas.

Após verificar se não estavam sendo observados, Rashid fechou a porta de

acesso ao prédio, conduziu seus visitantes até a sala preparada e os acomodou da forma mais confortável possível. Ele pessoalmente acendeu os narguilés, preparou bebidas e as ofereceu a todos, junto com algumas frutas secas a título de tira-gosto. Entregou-lhes também um retrato falado do suposto Paulus Silvinus, o homem morto há poucas horas.

Rashid deu tempo para que seus companheiros estudassem o retrato. Então, ele se sentou em seu lugar, abriu os braços em um gesto cordial e sorriu, “Em nome do *Bem Amado* e da *Dama Argêntea*, não há termos pelos quais posso agradecer pela gentileza dos senhores aqui presentes. É nessa hora, longe de *Seu Olho Escrutinizante*, que aqueles que já estiveram em todos os lugares se unem para deliberar sobre o bem de todos aqueles sob nossa responsabilidade”. Ele juntou as mãos em frente ao nariz, como se fosse rezar, e continuou, “Pois não há nada mais temível do que o ladrão que avança furtivo pelas sombras da noite, exceto o ladrão capaz de conjurá-las durante o dia e assim caminhar desimpedido e irreverente sob *Seu Olho* que tudo vê. E temo haver um desses ladrões na *Praça do Mercado*, e se for um dos nossos deve temer pela própria vida, pois é sangue o tesouro que esse assaltante busca acumular”. Mansur suspirou impaciente, ele odiava os imensos preâmbulos com os quais Rashid costumava empoar as reuniões naquela sala, e para ocultar seu descontentamento enfiou uma quantidade de tãmaras em sua boca que poderia engasgar uma criança e dedicou-se a mastigá-las furiosamente.

Minu, que não fumava, não havia se sentado em uma das almofadas mas se mantivera sentada sobre as próprias pernas e próximo ao seu copo, ainda não tocado. Ela olhou para Rashid, seu superior, e sua voz melodiosa, baixa, quase abafada, quase sussurrante, se fez ouvir, “Meu bom líder, que o *Bem Amado*, grande e misericordioso como Ele é, o tenha em boas graças. Quem é aquele que deve temer pela vida, e o que faz pensar desse modo?” Rashid jogou a estranha moeda de ouro na direção de Minu, que a apanhou e a examinou enquanto Rashid retomou a fala, “Há dois dias, aproximadamente, um dos nossos ganhou essa moeda, que os senhores examinarão tão logo a *Estrela de Isfaban* termine sua análise, em uma aposta do homem cujo retrato os senhores têm em mãos. Esse homem foi encon-

trado morto hoje à tarde, e as razões por trás desse assassinato fazem o sol ficar negro aos olhos da *Praça do Mercado* e dos *Ouvidos do Sultão*”. Minu, as faces coradas pelo elogio cortês recebido, levantou os olhos e falou, a voz um tanto encabulada, “Meu bom líder, vejo que há entalhes nas faces da moeda, e esses entalhes parecem uma forma de escrita”. Rashid sorriu satisfeito, “Bem se diz em todo o *Sultanato* que os olhos da *Estrela de Isfahan* são mais agudos do que os da águia que persegue sua presa dos mais altos céus e mais ligeiros do que os do lince em sua caçada. Pois tais entalhes são escrita Qarim, de acordo com minha sócia, e na face da moeda com o louva-deus está escrito o nome do Emir Hassain al-Basham, um nobre de Acheon caído em desgraça e refugiado no palácio do Califa Abdallah al-Fashid de Bessain, o nome escrito na face da moeda com o faisão. Há um terceiro nome na lateral da moeda, mas minha sócia se recusou a me dizer qual era.” Mansur sorriu após empurrar as tâmaras com um gole de sua bebida e perguntou, “Você é quase casado com uma Qarim e não aprendeu ainda a ler ou falar no idioma dela? Você é um homem muito estúpido, Rashid”. Rashid piscou os olhos e contorceu o rosto como se tivesse engolido algo muito amargo antes de responder, “Somos apenas sócios, Mansur, embora eu me recrimine por não ter tido tempo para aprender a nobre língua do povo dela”.

Tariq, que até aquele momento apenas ouvia pacientemente, levantou sua mão e, ante ao consentimento silencioso de todos na sala, disse, “E quem foi a pobre alma tocada pelo *Demônio de Sutek* que ganhou essa moeda do homem morto, que sua alma descanse nos jardins eternos do *Bem Amado*?” Rashid suspirou e fechou os olhos por um momento antes de responder, “Ganhei essa moeda e mais sete mil *falcões* do homem morto, embora tenha dado todo o dinheiro para uma das dançarinas do *Mundos Distantes*”, e sorriu amarelo. Mansur não se conteve, e explodiu em uma gargalhada tão genuína que por muito pouco o isolamento acústico não foi o suficiente para abafá-la. “Deixe-me ver se entendi”, ele disse após se recompor, ainda respirando com dificuldade, “você ganha sete mil *falcões* e uma moeda de ouro entalhada com símbolos que você não conhece, e então dá os sete mil para uma puta qualquer e fica com a moeda estranha? Minu, com todo o respeito, mas você está na profissão errada. Você deveria ser dançarina do *Mundos*

Distantes e esperar que Rashid lhe dê os próximos cinco mil que ele ganhar no carteador!” Mansur voltou a rir descompassadamente enquanto Minu corava envergonhada e abaixava sua cabeça. Rashid lançou um olhar frio sobre Mansur, que se recompôs imediatamente – ninguém chega a Comandante entre os *Ouvidos* sendo um bufão, e um homem aparentemente frouxo que sobrevive dia após dia ao convívio com uma Qarim mais violenta do que o normal talvez não devesse ser tão frouxo assim, afinal. “Peça desculpas à *Estrela de Isfaban*, Mansur”, disse Rashid em um tom cordial mas firme – o tipo de cordialidade e frieza de um assassino experiente, não de um mercador bem-humorado. “Perdão, senhorita. Deixei meu espírito guiar-me onde a razão teria melhor emprego”, curvou-se Mansur em direção à senhorita ofendida. Minu acenou com a cabeça indicando que aceitara as desculpas, mas manteve-se corada por um tempo. Ela era mais jovem que Rashid uns oito anos, mas sonhara fascinada com ele algumas vezes nos últimos meses.

Quando sentiu a tensão dissipada, Tariq continuou olhando para Rashid. “Pois bem”, ele disse, “você teme ser o próximo alvo. Dê-me a moeda aqui, pois em meus... *negócios*, digamos assim... eu aprendi algumas coisas. Talvez, e apenas talvez, eu saiba ler aquilo que foi feito para ser entendido pelos dedos, e não pelos olhos”. Rashid assentiu, e Minu passou a moeda para Tariq. Os dedos finos e ágeis do velho comerciante alisaram a moeda com a mesma lascívia que um jovem sentiria por tocar um membro atraente do gênero adequado, sua cabeça e seus olhos movendo-se ocasionalmente como se na mente de Tariq houvesse uma lista de itens a serem conferidos. O comerciante lançou casualmente a moeda para Mansur enquanto falava aos presentes, “O que sua sócia falou confere. Há os nomes dos dois nobres citados na moeda, mas há um terceiro nome em um baixo relevo sutil na lateral. *Sabar Madira*, lhe diz algo?” Os três oficiais negaram com a cabeça, e Tariq continuou, “Suponham por um momento que eu tenha atuado em mais lugares do que meu histórico de operações registre. E suponham por um momento que eu conheça alguma coisa de Bessain. Suponham também que eu já tenha visto esse tipo de moeda antes. A escrita Qarim seria a minha escolha para cunhar esse tipo de selo, pois poucos no *Sultanato* se importaram em aprendê-la. E supondo que eu saiba algo sobre essa moeda em específico, ela deveria ser dada pelo homem morto

à essa tal de Sahar Madira com algum recado, provavelmente uma missiva com instruções. Uma vez que o homem perdeu a moeda para você, ele não era mais útil para a missão, e portanto deveria ser assassinado antes que os detalhes da operação vazassem de algum modo.”

Rashid ouviu o velho atentamente, assentando com a cabeça a cada uma das assim chamadas *suposições* de Tariq e mentalmente montando um quadro no qual aquelas peças se encaixavam adequadamente. “Supondo que o senhor esteja certo”, ele disse para Tariq, “então o assassino deveria ser alguém que soubesse que o nosso defunto perdeu a moeda”. Tariq acenou com a cabeça positivamente. Mansur levantou-se para devolver a moeda à Rashid e pegar mais um copo de bebida. O *Mercador* serviu mais uma dose do licor de tâmaras que Mansur bebera, e este retornou ao seu lugar e sentou-se antes de falar, “Pois bem. Suposições à parte, faz sentido isso tudo. Se queremos saber o porquê mataram esse falso Paulus Silvinus, devemos encontrar o assassino, certo?” Tariq assentiu com os olhos. Mansur sorriu para Rashid, “Enquanto isso, eu não quero estar na pele de Rashid, afinal de contas a moeda continuará com ele”. Rashid engoliu em seco, mas sabia que Mansur estava correto. Quem quer que soubesse que Paulus Silvinus não tinha mais a moeda, certamente sabia que ela estava com Rashid, portanto livrar-se da moeda era irrelevante para sua segurança.

Mínu mais uma vez fez sua voz, mais abafada e tímida do que o normal, ser ouvida, a cabeça ainda baixa e o rosto corado, “Muito provavelmente, o assassino estava no *Mundos Distantes* no momento em que Paulus Silvinus perdeu a aposta. Deveríamos procurar entre eles”. Houve um burburinho de concordância entre eles, e Mansur disse, “Certo. Rashid, você é quem tem mais contato com a cafetina velha da Surridge. Veja se ela tem registros dos fregueses daquele dia. Tariq, você tem ouvidos nas ruas tão aguçados quanto os meus. Vamos fazer algumas perguntas por aí amanhã. Mínu, você tem acesso aos pescadores em Isfahan e ao porto naquela cidade. Talvez esse Paulus Silvinus ou seu assassino tenham entrado no *Sultanato* por lá”. Ele faz uma pausa antes de olhar para Rashid, “Isso, é claro, se Rashid concordar com esse plano”. Rashid deu de ombros antes de responder, “É

um bom plano, Mansur. Seria bom se Ismail tivesse aparecido hoje, ele tem bons contatos nos hotéis, mas não temos tempo a perder com guerras de ego, temos?” E, levantando-se, continuou, “Creio, portanto, que nossa pequena reunião esteja encerrada. Espero não os ter ofendido de alguma maneira, e que minha casa tenha sido agradável para os senhores durante sua estadia”. Mansur e Minu murmuraram as respostas corteses adequadas, mas Tariq rapidamente ficou em pé e disse, “Pois me ofendeu sim”, e gargalhou profusamente. Todos riram, era uma brincadeira do velho Tariq encerrar as reuniões desse jeito.

Rashid então os conduziu até a porta do acesso lateral do prédio. Mansur e Tariq sumiram rapidamente nas sombras, mas Minu se deteve. Ela esperou até que os outros estivessem distantes e perguntou, sua voz tímida e mais contida do que o normal. “Meu bom líder, atendi seu chamado porque pela graça do *Bem Amado* eu estava em Acheon preparando meu retorno para Isfahan. Não tenho reserva mais em hotel, nem pouso para esta noite”. O mercador olhou para Minu ternamente e sorriu enquanto a conduzia de volta para dentro e fechava a porta, “Pois então não se incomode, *Estrela de Isfahan*. Você será minha hóspede pelo tempo que assim quiser. Não estamos em um palácio, e talvez você considere esta casa austera e áspera para seu refinamento e delicadeza, mas posso providenciar todos os mimos e luxos que você desejar”. Minu baixou os olhos e corou, e sua voz saiu abafada, “Sua hospitalidade muito me emociona, meu bom líder”. Rashid levantou delicadamente o rosto de Minu pelo queixo para olhar em seus olhos, e disse, “Rashid, por favor. Agora vamos, preciso preparar o seu quarto”. Ele pegou um castiçal no reposteiro próximo à porta e o acendeu. “Mantenho a iluminação da casa totalmente apagada durante à noite. Baatik orienta-se melhor no escuro”, justificou-se enquanto conduzia sua hóspede até o quarto de hóspedes, um cômodo no segundo andar do prédio ao lado do quarto de Rashid. Ele abriu a porta e acendeu as velas antes de permitir que ela entrasse. “Seja bem-vinda, Minu, e enquanto assim desejar esta casa é sua casa. Há roupas mais confortáveis no armário, creio que haja algo do seu tamanho. Se precisar de algo, meu quarto é a próxima porta do corredor”. Minu agradeceu silenciosamente, e Rashid saiu, fechando a porta atrás de si.

Minu olhou para o quarto. Era um cômodo razoavelmente amplo, seis jardas de largura por nove de profundidade. Havia uma cama de madeira de lei, e sobre ela um colchão muito perfumado coberto por um lençol de seda branca. Havia uma penteadeira e um aparador em uma das paredes, enquanto na outra, oposta aos móveis, abriam-se quatro janelas tão altas quanto o pé-direito de vinte pés do cômodo. As paredes eram brancas, e havia um candelabro de cristal com fogos-fátuos pendendo do teto. Havia velas espalhadas pelo quarto também, e foram elas, e não o candelabro, que Rashid acendera. Ela olhou para a cama e seu semblante se tornou muito triste, tomado de assalto por uma sensação quase opressora de que ela não queria estar ali sozinha – e pela angústia de saber que a companhia desejada estava apenas a uma porta de distância.

* * *

O céu clareava sobre Acheon antes da aparição do *Olho do Bem Amado* no horizonte, sua presença rubra abençoada expulsando os tons anis da noite. Era a essa hora que alguns se recolhiam ao descanso merecido ou não após uma longa noite de atividade, lazer, ou más ações. Outros acordavam com as bênçãos derramadas pelo *Sumo Bem* para mais um dia, o elixir e o estimulante para a labuta infundável que lhes renderia oportunidades e o pão ganho a preço do suor do rosto. E assim era em toda Acheon, e em todas as cidades no *Sultanato*.

Uma dessas pessoas a acordar com a madrugada foi Rashid. Ele tivera uma noite tensa, mal dormindo por conta da preocupação de não se sentir seguro e estar com uma hóspede. Ele preparou um café da manhã ligeiro e leve, um pedaço de pão com azeite acompanhado por um pouco de café, e aguardou seus primeiros funcionários chegarem. A eles deixou instruções claras sobre como tratar Minu durante sua ausência antes de sair pela porta principal e atravessar a rua. O fim de uma madrugada era sempre o melhor horário para resolver negócios no *Mundos Distantes*.

Ele entrou na *casa de prazeres* no momento em que os últimos bêbados eram delicadamente enxotados pelas dançarinas. Uma delas tentou expulsá-lo, mas

mudou de ideia e atitude ao reconhecê-lo. Rashid era uma das poucas pessoas com livre trânsito e crédito ilimitado na casa, e sua presença era bem-vinda a qualquer horário e em qualquer circunstância. Por isso, tratava-se de simples rotina levá-lo até uma mesa, servir algo que ele quisesse beber e perguntar-lhe qual era seu desejo. Rashid escolheu uma dose de licor de amêndoas antes de anunciar suas intenções de falar com Delia. Uma das dançarinas foi chamá-la enquanto outra trazia o licor e o calor de suas nádegas para o colo do mercador. Enquanto apreciava a carne de sua companhia, Rashid mais uma vez observava o lugar. Agora vazio, o *Mundos Distantes* parecia um bar comum. Havia um balcão de madeira envernizada e um tanto gasta na parede mais longa, e a prateleira atrás dele tinha várias garrafas para todos os gostos e bolsos escondendo um espelho que já estava preteando em alguns cantos. Várias mesas de madeira escura envernizada estavam espalhadas pelo salão, todas quadradas e com marcas de bebida derramada. Uma comprida mesa para carteados escondia-se em um canto sob uma escada, facilmente ocultável por uma cortina e facilmente carregável para o centro do salão caso a principal atração da noite fosse a jogatina. Na parede oposta à porta principal ficava um plano elevado cumprindo a função de palco, com direito a uma cortina para ocultar os preparativos e uma porta para um camarim ou algum outro tipo de cômodo auxiliar. A escada sob a qual ficava a mesa de carteados levava para os andares superiores, onde ficavam os quartos nos quais as dançarinas moravam e atendiam seus clientes, sendo o mais luxuoso deles o quarto de Delia Surridge, a Cortesã proprietária do estabelecimento.

A mente de Rashid deleitava-se com os quartos no subsolo, acessíveis por meio de uma porta secreta e reservado para os clientes mais especiais, como ele próprio, quando Delia chegou. Usando um vestido austero apesar da cor púrpura e provocante apesar de austero, ela desceu as escadas com o mesmo charme e elegância de um membro legítimo da nobreza. Rashid acompanhou cada movimento com olhos famintos e desejosos, o carisma inato de Delia compensando cada ano de idade que ela possuía além das jovens dançarinas de seu estabelecimento. Quando ela estava no meio da escada, o *Mercador* dispensou a menina sentada em seu colo, que se levantou com uma pontada de ressentimento por ter sido trocada por uma

mulher ao menos vinte anos mais velha, e dirigiu-se aos degraus mais baixos para oferecer o braço à Cortesã. Delia aceitou o galanteio, e permitiu-se conduzir até a mesa onde Rashid estava. Ele a fez sentar e sinalizou às dançarinas que trouxessem algo para ela. A garrafa de licor foi posta sobre a mesa com com mais um copo para a Cortesã. Só então Rashid se sentou. Delia sorria teatralmente.

Rashid tomou as mãos da Cortesã entre as suas e olhou em seus olhos sorrindo, “Você está bem, querida?” Delia meneou com a cabeça, “Estou melhor do que ontem, com certeza. E você?” Rashid apenas sorriu. Sua mente ficava ligeiramente aérea na presença hipnótica de Delia, e certamente ele poderia passar dias apenas olhando para aquele rosto pálido e angelical da Nortista – ele sabia pouco sobre as razões que trouxeram Delia das terras frias e distantes do norte para o *Grande Deserto*, mas isso não importava agora –. Ela puxou as mãos dele para mais perto de si, e perguntou com um sorriso dubio, “Meu bem, você não passou a noite aqui e eu sei que uma mulher dorme em sua casa enquanto você está aqui. Você não veio pelos meus afagos, mas por algum negócio, estou certa?” Rashid não mudou a expressão de sua face, mas a voz era defensiva, “Minu é uma amiga mercadora de Isfahan que por um pequeno vacilo logístico não tinha onde passar esta noite. Nós, mercadores, somos muito prestativos uns com os outros, e por acaso eu estava em condição de auxiliá-la ontem. Mas não houve nada entre nós dois, meu bem. Não precisa sentir ciúmes de uma garota com idade para ser sua filha”, finalizou, tentando uma cartada ácida para fazer Delia desistir do assunto. A Cortesã se sentiu ofendida, mas não demonstrou enquanto respondia, “Quem olhar pode pensar que você está me dispensando por uma mulher mais nova, Rashid”. Mesmo ofendido, pois de fato Rashid sentia algo por Delia, ele não deixou a face trair-lhe as emoções, e foi com um sorriso quase felino que ele respondeu, “Se tivéssemos algo oficial, certamente poderiam pensar assim.”

Delia soltou as mãos do mercador, que estava contente com a reação dela, e perguntou, “Aos negócios então, como você preferir”, antes de servir-se se uma dose da bebida. Rashid pegou as mãos dela novamente e sorriu, desta vez deixando transparecer o que ele sentia pela Cortesã, “Não temos nada oficial devido à nossa

alergia a anéis de ouro ou prata no dedo anelar. Uma pena. Sinceramente, uma pena”. Delia sorriu, mas não permitiu aos olhos ou ao resto da face transparecer a alegria que aquela declaração lhe causara.

* * *

Uma das antecâmaras dos aposentos de Delia Surrige era seu escritório, um cômodo cuja simplicidade era um contraste gritante com a decoração mais luxuriante do salão principal do *Mundos Distantes*. Era um cômodo amplo, medindo nove por doze jardas e com pé direito de quinze pés, a metade inferior das paredes revestidas com madeira de lei e coberta com papel de parede de motivos florais na outra metade, em um estilo tipicamente Nortista. A iluminação era indireta, providenciada por luminárias de fogos-fátuos cujas campânulas imitavam flores de lis, e durante o dia as amplas janelas, viradas para o sol da manhã, garantiam claridade natural por quase todo o dia. Os móveis eram de madeira de lei, exceto o sofá em uma das paredes e as cadeiras em frente à mesa do escritório, forradas em couro legítimo. Atrás da mesa, uma poltrona de espaldar alto, também de couro, o trono da rainha dos *Mundos Distantes*. Não havia cinzeiros no escritório, pois Delia não fumava. Em um dos cantos havia uma *dhakirat*⁵, uma espécie de bola de cristal mágica capaz de ver todos os recintos do prédio em que ela se localizava e manter registros visuais, facilmente pesquisáveis e acessíveis mesmo para aqueles que, como a Cortesã, não possuísem nenhum talento místico. Era em frente a ela que Rashid e Delia estavam sentados analisando os registros do dia em que o mercador ganhara a estranha moeda de ouro. A qualidade dos registros visuais era ruim, pois a *dhakirat* em questão não era das melhores. Mais de uma vez Rashid tentou dar uma nova para Delia, mas a Cortesã nunca aceitou.

Em um certo ponto da análise dos registros, Delia parou o fluxo das imagens, e com um movimento sutil porém preciso de seus dedos fez com que um dos registros se destacasse. “Aqui”, disse ela apontando para a esfera de cristal, “este é o momento em que esse tal Paulus Silvinus entrou no *Mundos Distantes*. Parece

⁵Pronuncia-se *dá-qui-rrat*.

que ele está acompanhado, meu bem”. Rashid olhou bem para o homem acompanhando Paulus Silvinus. Era um homem de pele dourada e altura discreta, feições aquilinas e olhos amendoados. O *Mercador* lutou contra sua memória por alguns instantes antes de reconhecê-lo, “Mas eu sei quem é este homem! Ele estava jogando conosco até perder tudo e então passar a assistir a jogatina”. Delia suspirou, “Infelizmente não temos nada parecido com um registro de visitantes, meu bem, e a qualidade da imagem pode dificultar a identificação do homem por outros meios. Por favor me perdoe, acho que não pude ajudá-lo bem”. Rashid beijou a testa da Cortesã e segurou o rosto dela delicadamente, para melhor poder olhá-la nos olhos, “Você já me ajuda mais do que mereço, meu bem. Posso copiar essas imagens de sua *dhakirat*?” Delia assentiu com um sorriso, e Rashid puxou uma *dhakirat* menor, que cabia no bolso, e permitia copiar uns poucos registros de outras *dhakirat*. Ele fez cópias das imagens menos piores do homem de feições aquilinas. Ele bagunçou os cabelos da Cortesã num gesto amável e a beijou novamente na testa. “Isso deve bastar, meu bem”, ele disse se levantando, “e agora devo partir. Nos vemos à noite?” Delia assentiu sorrindo, e Rashid foi-se pela porta afora.

* * *

A memória de Rashid não era uma das melhores de Acheon. Ele passava muitas noites em claro, e seus hábitos de copo e tabagismo certamente lhe custariam mais do que o fígado ou os pulmões pelos quais Baatik temia. Mas ele recordava o que cada um dos *Ouvidos* tinha para oferecer à agência, e com as imagens do homem de feições aquilinas em mãos ele sabia precisar dos contatos no meio hoteleiro de Ismail ibn Omar, também chamado de *Trunco*. Ismail detinha os direitos de licenciamento de aluguel de riquixás mágicos, que não precisam ser puxados por pessoas e sempre deixam seus clientes no destino certo, e das carruagens comuns em Acheon, e por meios indiretos ele obtinha muito lucro com o negócio hoteleiro na cidade. Eram as amizades dele que poderiam identificar o homem nas imagens.

Rashid sabia onde encontrá-lo. O escritório principal dos negócios de Ismail eram em frente ao *Samarkhand*, um dos hotéis de luxo destinados à nobreza e

aos mercadores mais ricos. Dizem as más línguas e mentes férteis que o Emir Khalid al-Suleiman, o filho mais velho do Sultão, conheceu a mãe de seus filhos, Amani Darwish, uma mercadora, no café do hotel. A fachada do prédio era impressionante, seus oito andares decorados com arcos e cúpulas e espaços abertos, e vários detalhes feitos em ouro e prata contra o arenito bege que faziam o *Samarkhand* ser uma das visões mais bonitas da cidade. Rashid desviou sua atenção para o prédio de dois andares sem graça, feito de tijolos não emboçados, do outro lado da rua, onde ficava o escritório de Ismail, e atravessou a rua para encontrá-lo. A porta de vidro abriu-se para revelar um salão principal com um balcão para atendimento, onde se sentava uma recepcionista de quarenta anos, ligeiramente acima do peso e vestindo-se com um estilo fora de moda há oitenta anos pelo menos, e duas escadas, tudo em um madeiramento que já viu dias melhores. O piso rangia incomodamente, e o pensamento de Rashid apenas contemplava os cupins que deviam infestar as vigas principais. A recepcionista reconheceu Rashid e o instruiu a subir diretamente para o escritório de Ismail, e o *Mercador* assim fez.

O *Mercador* parou na porta do escritório de Ismail, um trabalho em madeira nobre com seus quase duzentos anos, e talvez a única tábuas livre de cupins, traças ou brocas em todo o prédio. Ele bateu com firmeza na porta com os nós dos dedos e aguardou. Após alguma espera a porta se abriu, revelando um homem calvo apesar de jovem, um tanto acima do peso, com alguns cordões de ouro no pescoço usando uma túnica de linho colorida, sandálias de couro e turbante branco. Ismail abraçou profusamente Rashid enquanto manifestava seus votos de estima pela visita. Rashid os retribuiu, e depois das saudações eles entraram no escritório e Ismail trancou a porta. O escritório era simples, um cubículo de três por três jardas e pé-direito de dez pés apenas. Havia apenas uma mesa de madeira escura com duas cadeiras de um lado e uma outra, acolchoada, destinada a Ismail. Mas não era isso que interessava a Ismail no momento. Uma visita do *Mercador* era sempre uma coisa séria.

Ismail sorriu para seu visitante, e silenciosamente lhe ofereceu uma bebida. O *Mercador* a aceitou, e começou a falar sem preâmbulos. “Meu bom Is-

mail, que o *Bem Amado* continue a abençoá-lo. Sei que você não pôde atender à convocação de emergência de ontem à noite, e não o vim punir por isso. Mas precisarei de seus préstimos, e sei que você os dará de bom grado”. O *Trunco* sorriu esfregando as palmas das mãos enquanto respondia, “Tudo para aqueles que já estiveram em todos os lugares. Em que posso ajudá-lo, Rashid?” O mercador mostrou-lhe as imagens do homem de feições aquilinas. Ismail as estudou atentamente, e então perguntou a Rashid. “O que tem ele?” Rashid tomou um gole da bebida antes de se explicar, “Estamos procurando esse homem, e pensei que por um acaso você possa encontrá-lo caso ele esteja hospedado em algum hotel”. Ismail analisou as imagens mais uma vez antes de responder, “Se ele estiver em algum hotel com certeza eu o acharei até o fim do dia, ou não me chamo Ismail ibn Omar”. Rashid bebeu em um só gole o que restava da bebida em seu copo, se levantou e despediu-se de Ismail, acrescentando, “Ao final do dia então. Estarei ou no *Rota da Seda* ou no *Mundos Distantes*. Aguardo sua resposta”. O *Trunco* acenou com a cabeça, e Rashid saiu de seu escritório sem dizer mais nada.

* * *

Depois de sair do escritório de Ismail, Rashid retornou direto para o *Rota da Seda*. Era quase meio-dia, e Minu já havia se retirado. Um dos seus funcionários, um jovem al-Hafeez sem título de nobreza e sem esperança de alçar-se para além do nível de bei, entregou-lhe um bilhete deixado por ela. O bilhete era simples, um convite para Rashid passar um fim de semana em Isfahan como hóspede dela. Rashid ponderou por alguns momentos, e decidiu-se por aceitar a oferta. Ele escreveu uma carta de próprio punho, agradecendo pelo convite e anunciando sua intenção de visitar Minu tão logo os negócios permitissem, e pediu ao mesmo funcionário para levá-la ao serviço postal. Depois disso ele deu instruções aos demais funcionários para não o incomodarem no escritório a não ser que fosse uma questão realmente importante, e subiu as escadas. Em seu escritório, sentou em uma das poltronas de vime na varanda, narguilé aceso ao seu lado, e passou o resto do dia refletindo silenciosamente enquanto fumava.

Ismail apareceu no *Rota da Seda* pontualmente ao anoitecer. Ele veio em um dos veículos de aluguel que ele gerenciava, um riquixá mágico amarelo com uma faixa lateral azul. Ele ainda usava a túnica colorida e o turbante, mas estava sem os cordões de ouro, pois considerava a vizinhança de Rashid um tanto perigosa, e fumava um charuto tão grosso quanto seu dedo médio. O *Mercador* desceu apressado pelas escadas, mas não conseguiu evitar de fazer o *Trunco* esperar em sua porta. Rashid a abriu esbaforido e já principiava seus cumprimentos quando foi bruscamente interrompido por Ismail. “Corte a baboseira, Rashid. Seu homem sai da cidade esta noite com destino a Isfahan. Parece que há uma navio por lá pronta para levá-lo a Bessain”. Rashid olhou para o riquixá com um sorriso um tanto desagradado, e ao percebê-lo Ismail quase gritou, “Corte a baboseira, estamos sem tempo para isso. Agora entre, temos pouco tempo!” Rashid pulou para dentro do veículo enquanto Ismail dava a volta e assumia o comando manual do riquixá.

* * *

Fazia parte do ofício do *Trunco* conhecer cada viela, cada beco, cada rua da cidade, de modo que não foi difícil para ele chegar até o endereço que seus contatos lhe revelaram no menor tempo possível. O riquixá guinchou e quase saltou do chão quando Ismail freou em frente a uma pocilga na borda da *Praça do Mercado*, um hotel barato usado por marinheiros e passageiros presos no porto enquanto aguardavam a partida de seus navios. Mal o veículo estacionou, Rashid abriu a porta e pulou em direção à porta do hotel, popularmente conhecido como *Pouso Certo*, apesar de não haver nenhuma placa indicando ser esse o nome do estabelecimento. Era um prédio de três andares, atarracado e tão sujo de fuligem que era impossível saber qual era exatamente sua cor original. Segundo os dados que Ismail conseguira e que Rashid lera durante o trajeto, o suspeito estaria no terceiro andar. Seu nome era Rahimat e ele nascera em Jazaar, mas seu manifesto de viagem dizia que ele viera de Bessain até Acheon. Ele viajara com o falso Paulus Silvinus, e os dois dividiam o quarto no *Pouso Certo*. Se alguém soubesse algo sobre a moeda além de Paulus Silvinus, certamente Rahimat seria essa pessoa.

O *Trunco* ficou aguardando na entrada do prédio, uma faca ostensivamente à mostra nas mãos, enquanto Rashid corria, voava, pelas escadas sem corrimão e corredores estreitos fedendo a cigarros e perfumes baratos. Ele passou esbarrando e jogando para os lados trabalhadores baratos e prostitutas baratas, que silenciavam seus protestos ante o olhar de pressa e urgência do *Mercador*. No segundo andar um dos corredores estava parcialmente obstruído por uma residente tão obesa que precisaria ocupar dois bancos em um veículo terrestre. Ela discutia com um homem, acusando-o de roubar alguns pertences dela, e Rashid precisou gritar mais alto que os dois para que eles compreendessem a importância de não impedir o caminho de um *Ouvido do Sultão* com o demônio da pressa no corpo. Ao chegar no terceiro andar o mercador se deparou com Rahimat, suas feições aquilinas e olhos amendoados apreensivos e alertados pela gritaria no andar inferior espreitando para fora de seu quarto. Ele reconheceu Rashid imediatamente, e tão rápido quanto pôde voltou para dentro do quarto e trancou a porta. O *Mercador* correu até a porta, e, encontrando-a trancada, usou uma das latas de lixo do corredor como aríete para arrebentá-la. A porta se partiu em duas ripas semidevoradas por cupins, fragmentos voando para todos os lados, revelando o quarto modesto, apenas uma cama em um lado e um banheiro sem porta do outro, e Rahimat tentando abrir a janela sem varanda na parede oposta à porta.

O homem de feições aquilinas desistiu de abrir a janela ante a visão de Rashid com uma lata de lixo em suas mãos, e virou-se para encarar o *Mercador*. O silêncio se fez tenso, os dois homens imóveis e cuidadosamente estudando um ao outro. Rahimat, suas feições aquilinas e olhos amendoados, usava uma roupa escura e discreta, uma variante das vestes do cidadão comum de Acheon, e aos seus pés descansava uma pequena bolsa preta. Rashid quebrou o silêncio, “Suponho que Rahimat seja um nome falso, uma sugestão de meu pai em Bessain. Ele sabe que eu entenderia o significado”. Rahimat acenou positivamente com a cabeça, “Você é um garoto esperto, Rashid. É uma pena que tenha desapontado tanto o seu pai”. Rashid tirou a moeda do bolso e a jogou para o alto algumas vezes. Rahimat acompanhou o disco dourado com os olhos antes de sorrir para o *Mercador*, “Plano engenhoso do seu pai. Ele sabia do seu envolvimento com aquela escória

Qarim, então você reconhecera a escrita tão logo a visse, mas só você. A moeda poderia andar com aquele estúpido à vontade”.

Rashid agarrou a moeda em pleno ar, seu rosto perdendo a calma e transparecendo uma raiva fria, racional, perigosa. Rahimat, percebendo a transfiguração, caçou dele, “Ah, então você gosta da escória? Que nojo. Ainda bem que seu pai quer matar essa vergonha que você se tornou”. Foi quando Rashid perdeu a batalha contra sua vontade, deixou sua raiva falar mais alto e arremessou a lixeira em Rahimat. O homem de feições aquilinas, pego de surpresa pelo ataque, recebeu o impacto no peito. Ele se desequilibrou com o golpe, e o peso de seu corpo e da lixeira combinados foi mais do que o suficiente para arrebentar as tábuas frágeis da janela e lançá-lo em direção ao fim que aguarda todos os membros da espécie humana. O *Mercador* levou mais do que um segundo para entender o que aconteceu, e tão logo recobrou seus sentidos correu em direção à janela. Rahimat, ou qualquer que fosse seu nome, jazia morto no chão, espatifado a meras polegadas ao lado de um Ismail que tinha uma mancha imensa marrom em sua túnica e um terror ancestral estampado em seus olhos.

* * *

Levou quase dois dias depois da morte de Rahimat para Rashid terminar de prestar as devidas explicações aos *Ouvidos do Sultão*. Suas conexões com o Sultão impediram uma acusação de homicídio, e as declarações prestadas por ele sobre Rahimat e Paulus Silvinus iniciaram algumas investigações sobre uma possível infiltração de espões al-Basham em Acheon. Finalmente livre dos interrogatórios e depoimentos, ele decidiu-se dar uma noite de descanso, e foi direto para o *Mundos Distantes* aproveitar o que a *casa de prazeres* tinha de melhor para lhe oferecer: a companhia de Delia Surridge. Esse era um daqueles dias em que o *Mercador* não queria a companhia do álcool, do jogo ou de pedaços de carne em forma de corpos femininos, mas a companhia de uma mulher de verdade. Delia, bastante sensível aos problemas de Rashid, dedicou sua noite a fazer-lhe companhia. Isso a deixava profundamente triste, pois sinceramente desejava que ele tivesse companhia melhor do que a dela para essas horas.

Eles estavam nos aposentos de Delia, o local mais privado de todo o prédio. Delia terminara de realizar uma longa sessão de massagem nos ombros e costas de Rashid, que se levantava da cama e começava a se vestir. Ele estendeu a mão para a garrafa de licor de amêndoas posta em uma penteadeira de mogno, o colchão perfumado exalando o odor de erva doce e camomila e dando ao quarto um ambiente curiosamente familiar. Rashid já estivera ali antes, um aposento tão grande quanto o escritório de Delia e decorado de maneira similar. Não fosse pela estante de livros e espetáculos de lanterna mágica – uma espécie de *dhakirat* capaz apenas de reproduzir imagens de outras *dhakirat*, muito usada para entretenimento – e pela cama, ele diria se tratar de um outro aposento administrativo. Delia estava seminua, usando apenas um robe de seda rosa bebê e uma combinação de lingerie de renda preta. Ela esperava algum carinho em retribuição, mas não pediria nada a Rashid após os dois dias difíceis que ele teve. Ela se sentou ao seu lado e tomou um gole do licor junto com ele.

Rashid parou para estudar a garrafa por um tempo, seus olhos curiosos por um momento sobre como da areia amarela saía o vidro transparente, e Delia apoiou sua cabeça no ombro do mercador. “Sabe o que é engraçado?”, ele se perguntou em voz alta. Delia virou sua cabeça na direção dos olhos do *Mercador* e perguntou educadamente, “O que, meu bem?” Rashid percebeu que falara em voz alta, mas respondeu mesmo assim, “Nunca saberei que mensagem era para ser passada para Sahar Madira. Nunca saberei o que essa tal de Madira deseja comigo”. Ele suspirou, e continuou, “A mala de Rahimat continha apenas roupas, nenhum item incriminatório. De fato, se não fosse a *dhakirat* daqui da sua *casa de prazeres* eu não sei se eu teria sido inocentado”. Delia deu dois tapinhas amistosos no peito nu de Rashid, “Não tem de quê, meu bem. Eu sei que você faria o mesmo por mim”. Ele beijou os lábios da Cortesã e sussurrou no pé de seu ouvido, “Eu resolveria o problema do *Demônio de Sutek* por você, meu bem”.

Delia riu excitada e mordiscou levemente o pescoço dele antes de perguntar, “E agora, o que você vai fazer?” Rashid balançou a cabeça, seus cabelos fazendo cócegas no nariz de Delia. “Não sei”, ele disse. “Sinto o cheiro de um plano muito

bem elaborado, meu bem, mas a não ser que eu descubra quem é essa Sahar Madira e qual era a mensagem que ia ser transmitida a ela não tenho como fazer meus planos”. Delia puxou o corpo de Rashid de modo que o *Mercador* se deitasse em seu colo, com o rosto virado pra cima e perguntou, “Você teme o que esses dois nobres possam mandar para cima de você?” Rashid fechou os olhos e balançou a cabeça negativamente. “Não ligo se me matarem. Você vai chorar, mas vai acabar encontrando uma pessoa melhor do que eu para sua vida, e quem sabe você se case com essa pessoa”. Ele se levantou, sentando-se de modo a olhar diretamente para Delia, e continuou, “Minha preocupação é você. Eu sei me virar, e minha sócia realmente é uma assassina psicopata que morreria antes de deixarem me matar. Mas e você?” Delia franziu o cenho, sentia ciúmes de Baatik e não gostava de ver Rashid mencionando o nome ou a pessoa dela. “Eu sei me cuidar, meu bem”, ela respondeu, “melhor do que você pensa”.

Rashid a beijou na boca, um gesto que por mais que Delia o desejasse a pegou de surpresa. “Esqueçamos isso, meu bem”, disse ele. “Você me deve um beijo, e vou cobrá-lo agora com juro e correção monetária”.

MEUS CONTATOS

- **Bazar Verde:** <https://www.bazarverde.com.br/Lu%20Cavalheiro>
 - **E-mail:** lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com
 - **Facebook:** <https://www.facebook.com/lu.cicerone.cavalheiro>
 - **Instagram:** <https://www.instagram.com/lu.cicerone.cavalheiro/>
 - **Itch.io:** <https://lucavalheiro.itch.io>
 - **Loja Kindle:** https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1MOZZGOF3VCP&srefix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb_sb_noss
 - **Twitter:** <https://twitter.com/luRPGcavalheiro>
-

O conto **Parte I: As três faces de uma mesma moeda: Uma história curta de investigação em um mundo de fantasia árabe** foi escrito usando o editor de textos *VIM - Vi IMproved*, versão 8.2, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>), diagramado usando \LaTeX e compilado usando o comando `lualatex`, versão 1.12.0, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>).

As fontes utilizadas no corpo do livro foram a *EBGaramond* e *Liberation Mono*, ambas disponíveis sob *SIL Open Font Licence*, cujo texto pode ser lido em <http://scripts.sil.org/OFL>, ambas com tamanho base 11pt.

Diagramado, editado e publicado no Brasil